

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA**

ERICK AKIRA UESUGUI

**INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIAS: EXEMPLOS DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM
DE SÃO PAULO (MIS) E MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO**

**SÃO PAULO
2020**

ERICK AKIRA UESUGUI

**INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIAS: EXEMPLOS DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM
DE SÃO PAULO (MIS) E MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Informação e Cultura (CBD) da Universidade de São Paulo como exigência para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Profa. Dra. Giovana Deliberali Maimone

SÃO PAULO

2020

RESUMO

A fotografia é uma das principais fontes informacionais existentes e demanda um tratamento diferenciado em relação aos demais documentos devido às suas características. Procurando compreender melhor a análise documentária de imagens fotográficas, o presente trabalho verifica os processos de indexação dos acervos fotográficos do Museu da Cidade de São Paulo e do Museu da Imagem e do Som. Compara e analisa qualitativamente por meio de uma pesquisa documental os termos descritores atribuídos às fotografias em relação às metodologias propostas por Panofsky, Smit, Manini e Rodrigues. Constatou-se que a metodologia de Manini contemplaria todos os aspectos envolvidos nas análises das imagens fotográficas dos museus. Contudo, a falta de padronização decorrente da ausência de uma política de indexação inviabiliza a adoção de uma metodologia e prejudica o trabalho do indexador. Como proposta de melhorias, é sugerido a implementação de uma política de indexação, a especialização e atualização constante do profissional responsável pela indexação de fotografias e um olhar mais amplo em relação ao significado intrínseco da imagem e à forma como esta foi concebida.

Palavras-chave: Fotografia. Acervos fotográficos. Indexação de imagens; Análise documentária de imagens fotográficas.

ABSTRACT

Photography is one of the main existing information sources and demands a different treatment from other documents due to its characteristics. Seeking to better understand the documentary analysis of photographic images, the present monograph verifies the indexing processes of the photographic collections of the Museu da Cidade de São Paulo and the Museu da Imagem e do Som de São Paulo. It compares and qualitatively analyzes through descriptive research the terms attributed to the photographs in relation to the methodologies proposed by Panofsky, Smit, Manini and Rodrigues. It was found that Manini's methodology would include all aspects involved in the analysis of photographic images from museums. However, the lack of standardization resulting from the absence of an indexation policy makes the adoption of a methodology unfeasible and impairs the work of the indexer. As a proposal for improvements, it is suggested the implementation of an indexing policy, the specialization and constant updating of the professional responsible for indexing of photographic images and a broader look about the intrinsic meaning of the image and the way it was conceived.

Keywords: Photography. Photographic collections. Indexing of images. Documentary analysis of photographic images.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo da proposta de Shatford comparada a de Panofsky.....	15
Quadro 2 – Categorias para análise documentária de imagens.....	16
Quadro 3 – Resumo da proposta de Shatford para a análise documentária de imagens.....	16
Quadro 4 – Grade de Análise Documentária de imagens fotográficas.....	18
Quadro 5 – Variáveis da dimensão expressiva.....	18
Quadro 6 – Resumo da proposta de Rodrigues comparada a de Panofsky e Shatford.....	20

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Museu da Cidade de São Paulo.....	24
Figura 2 – Av. Paulista.....	26
Figura 3 – Estação da Luz.....	27
Figura 4 – Estação Corinthians/Itaquera.....	27
Figura 5 – Av. Paulista.....	28
Figura 6 – Museu da Imagem e do Som de São Paulo.....	30
Figura 7 – Cordão Flor da Mocidade – Pic-Nic em Jundiaí (1927).....	31
Figura 8 – Fachada do MIS.....	33
Figura 9 - Palacete da Avenida Paulista.....	34
Figura 10 – Programa: Pintura de Antonio Palm.....	36
Figura 11 – Copa do Mundo de 70: último lance da Copa – Carlos Alberto.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MCSP – Museu da Cidade de São Paulo

MIS/SP – Museu da Imagem e do Som de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Objetivos.....	8
1.1.1 Objetivo geral.....	8
1.1.2 Objetivos específicos.....	8
1.2 Justificativa.....	9
2 INDEXAÇÃO E DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS.....	10
2.1 A imagem fotográfica.....	11
2.2 Tratamento técnico do documento fotográfico.....	13
2.3 Indexação imagens fotográficas.....	14
2.3.1 Metodologia de Panofsky.....	14
2.3.2 Metodologia de Smit.....	15
2.3.3 Metodologia de Manini.....	17
2.3.4 Metodologia de Rodrigues.....	19
2.4 Política de indexação.....	20
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	22
4 MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO.....	24
4.1 Indexação de fotografias do MCSP.....	25
5 MUSEU DA IMAGEM E DO SOM.....	30
5.1 Indexação de fotografias do MIS.....	30
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	38
7 PROPOSTA DE MELHORIAS.....	42
8 CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

A indexação sempre foi um tema complexo e que constantemente está sendo estudado por especialistas. Houve diversos avanços em relação a esse tema, porém ainda há muito o que se estudar e melhorar para aprimorar a recuperabilidade das informações por parte dos usuários. No caso da indexação de fotografias, estas merecem uma atenção especial, pois a fotografia possui particularidades que tornam a sua indexação um processo com maior nível de detalhamento que os demais documentos.

Observando os acervos fotográficos online de diversos museus, percebe-se que os termos atribuídos às fotografias nem sempre permitem a recuperabilidade das informações devido a sua falta de especificidade, ou então porque muitos dos indexadores deixaram de considerar aspectos relevantes nesse tipo de indexação como as técnicas utilizadas.

Ao pensar em problemas decorrentes da indexação de fotografias, várias hipóteses são válidas. Em alguns casos, a falta de conhecimentos sobre técnicas fotográficas por parte do indexador pode acabar prejudicando a indexação. Em outros, fatores como a ausência de uma política de indexação ou a combinação equivocada de termos podem ser a causa de uma indexação mal elaborada. Há ainda a possibilidade do indexador ter desconsiderado o contexto da busca.

Procurando identificar as causas que podem ocasionar uma indexação de baixa qualidade, ou seja, que não atenda as necessidades informacionais de seus usuários, e propor melhorias, o presente trabalho optou por verificar os processos de indexação de fotografias dos museus Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS) e Museu da Cidade de São Paulo.

1.1 Ojetivos

1.1.1 Objetivo geral

Verificar os processos de indexação de fotografias dos museus Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS) e Museu da Cidade de São Paulo com base na literatura especializada da área.

1.1.2 Objetivos específicos

- Conhecer e analisar a literatura da área sobre os métodos ou processos para a análise e indexação de imagens fotográficas;

- Analisar os descritores atribuídos às fotografias durante o processo de indexação e ver se estes representam o que está na fotografia;
- Comparar no modo do tratamento documentário do documento fotográfico em relação ao texto escrito;
- Propor melhorias da análise e indexação das fotografias de ambos os museus.

1.2 Justificativa

A fotografia, assim como qualquer outro documento, é uma fonte de informação que contém e produz significados de diversas magnitudes, podendo ser objetivos ou subjetivos. Portanto, é de fundamental importância que ela seja tratada de modo que quem a procura consiga recuperá-la.

A indexação é um processo de fundamental importância na recuperação da informação e pode ser compreendida como:

Descrição do conteúdo de um documento por meio de uma linguagem documentária a fim de facilitar a memorização da informação em arquivos, fichários, bases e bancos de dados <=> análise de conteúdo, análise documentária, descritor, palavra-chave, termo de indexação (CAVALCANTI; CUNHA, p. 193).

No caso da indexação de fotografias, esta merece um tratamento especial e um olhar especializado devido ao seu conteúdo histórico e valor informacional (MANINI, 2002). A indexação de fotografias é um processo que demanda competências do profissional, pois esta deve abarcar regras e conceitos que atendam às necessidades da instituição. Ou seja, a indexação realizada deve ser capaz de indicar do que se trata a fotografia de modo a garantir a sua recuperabilidade por parte dos usuários.

Sobre o consumo da imagem, podemos afirmar que:

Quanto ao consumo da imagem, é importante frisar sua distinção daquele que se processa frente ao documento escrito, dadas a flexibilidade e a adaptabilidade da imagem. Uma fotografia de uma praia (areia, mar azul, coqueiros, no fundo montanha com vegetação farta, ausência de pessoas, sol) pode servir, potencialmente, para ilustrar (ser consumida) muito mais contextos do que qualquer texto escrito que verse sobre a mesma praia. (SMIT, 1987, p. 102).

Ainda há muitas lacunas existentes nos métodos e técnicas associados à Análise Documentária de imagens e que merecem um estudo mais aprofundado. Ao acessar o acervo fotográfico online de diversos museus, observa-se que os descritores adotados para representar os documentos fotográficos, em muitos casos, mostram-se não ser os mais adequados para a recuperação dos documentos. A falta de especificidade de alguns termos na indexação de fotografias, por exemplo, faz com que o usuário recupere diversos documentos que não estejam associados à sua busca.

Tendo isso em vista, faz-se necessário repensar o modo como se dá o processo de indexação das fotografias nesses museus e estudar metodologias que possam auxiliar na representação e recuperação dos documentos.

Observado o problema, escolheu-se realizar um estudo no Museu da Imagem e do Som de São Paulo e no Museu da Cidade de São Paulo devido a importância histórica e cultural que esses acervos têm para a cidade tendo como objetivo verificar o processo de indexação de fotografias dessas instituições e, se possível, propor algumas melhorias com base na análise da indexação através da busca e nas informações fornecidas pelas instituições.

2 INDEXAÇÃO E DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS

Com o decorrer do tempo, a produção de informações publicadas foi crescendo exponencialmente e, com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs), esse processo se intensificou, resultando na chamada explosão informacional. Como uma das consequências desse fenômeno, veio a necessidade de documentar/tratar informacionalmente as produções realizadas. Para que os usuários conseguissem identificar a cobertura e os assuntos dos documentos que atendessem da melhor forma às suas necessidades informacionais, estes precisariam estar representados.

As representações dos documentos podem ser descritivas ou temáticas. A representação descritiva tem como objetivo descrever as características físicas do documento e identifica elementos bibliográficos como, por exemplo, autores, títulos, ano de publicação, editora, número de páginas, entre outros. Já a representação temática tem como objetivo identificar os assuntos tratados no documento através da análise documentária. A Análise Documentária, de acordo com Manini (2002), visa a elaborar representações condensadas daquilo que é dito em determinado texto tendo como finalidade auxiliar a disseminação e a posterior recuperação das informações.

Os produtos documentários gerados pela análise documentária são o resumo e o índice. O resumo é um processo que envolve a produção de um novo texto cuja função é sintetizar o conteúdo de um determinado documento. A elaboração desse resumo pode ou não ser realizada pelo autor do documento.

A indexação é um processo que pode ocorrer concomitante ou posteriormente a elaboração do resumo e que consiste “no levantamento de descritores (termos controlados) ou de palavras-chave (levantamento livre) que o identifiquem e que servirão como ponto de partida para a posterior recuperação de suas informações” (MANINI, 2002, p. 40). Como resultado do processo de indexação temos os índices e as listas alfabéticas de temas de que tratam o documento.

Alguns aspectos que devem ser levados em consideração durante o processo de indexação envolvem: revocação, precisão, pertinência e relevância.

O processo de indexação, de acordo com a norma NBR 12676, consiste em três estágios:

- a) exame do documento e estabelecimento do assunto de seu conteúdo;
- b) identificação dos conceitos presentes no assunto;
- c) tradução desses conceitos nos termos de uma linguagem de indexação.

Para seleccionar os termos, o indexador deve, segundo Lancaster (2004, p. 9), formular várias perguntas sobre um documento:

1. De que trata?
2. Por que foi incorporado a nosso acervo?
3. Quais de seus aspectos serão de interesse para nossos usuários?

Tendo em vista que a indexação de assuntos é feita, na maioria das vezes, com o objetivo de atender a uma determinada comunidade, a escolha de termos, mais específicos ou mais genéricos, dependerá da instituição e de suas políticas de indexação e das necessidades informacionais dos usuários dessa instituição. Portanto, para que a indexação seja considerada eficiente, os termos atribuídos pelos indexadores devem ser capazes de permitir a recuperação das informações por parte dos usuários.

Em relação às linguagens de indexação, são linguagens artificiais que possibilitam ao indexador representar o conteúdo dos documentos. São construídas a partir de um conjunto de regras que servem para representar abreviadamente o conteúdo de um documento (RIVIER, 1992).

As linguagens de indexação são constituídas por termos que controlam o vocabulário utilizado pelo indexador (padronizado pela instituição). Elas são responsáveis por garantir que os termos escolhidos pelos indexadores representem não só as ideias do documento, mas também a linguagem da instituição à qual está associada.

Segundo Vale (1987) a escolha de uma linguagem de indexação é fator essencial para a eficácia de um sistema de recuperação da informação, com isso devem ser considerados os objetivos do sistema, a abrangência do assunto e o tipo de usuário da instituição.

2.1 A IMAGEM FOTOGRÁFICA

Desde os primórdios a humanidade teve o costume e a necessidade de registrar os acontecimentos do cotidiano, seja através de desenhos, pinturas rupestres ou outros meios. A fotografia surgiu no século XIX e, de acordo com Rodrigues (2007, p. 70), “num contexto mundial de grandes transformações sociais, científicas, culturais e “tecnológicas” propiciadas pelo

movimento da Revolução Industrial”.

Segundo Lima e Silva (2007, p. 7), a fotografia pode ser compreendida como:

Uma combinação de luzes, penumbras e sombras que, em frações de segundos, se transforma num elemento visível e interpretável. Protagonista de incontáveis feitos científicos, artísticos, religiosos, psicológicos e afetivos do homem, é utilizada para captar, emocional, documental e plasticamente, a rotina de sociedades de origens e histórias diversas.

Além do registro, a fotografia também possui uma importância muito grande como fonte informacional. Através da fotografia é possível identificar, compreender, interpretar e argumentar sobre os mais diversos acontecimentos que compõem a história da sociedade como um todo.

As fotografias figuram como referencial de temporalidade e testemunho, assumindo, assim, uma dimensão histórica e social, à medida que se constituem como meios de registro e representação feitas a partir do real e que possibilitam o contato com aspectos de realidades anteriores, configurando-se como valiosas fontes documentais para o entendimento do passado e o registro da memória, seja ela individual ou coletiva (NOGUEIRA; MARTINS, p. 202).

A imagem fotográfica possui uma característica que permite diversas interpretações por parte de quem a vê: a polissemia. Alguns fatores que influenciam a interpretação incluem contexto histórico, meio em que o indivíduo se encontra, cultura e religião. Em relação ao seu conteúdo, pode-se dizer que:

Dois *sentidos* fazem parte da fotografia quanto ao seu conteúdo: o *sentido denotativo* e o *sentido conotativo*. No *sentido denotativo* não há espaço para interpretações. O que o receptor enxerga e assimila é uma cópia literal, objetiva, prática e – na maioria das vezes – fiel de um determinado *referente* (RODRIGUES, 2007, p. 71).

Observando as complexidades que envolvem a imagem fotográfica, torna-se evidente a necessidade de um tratamento adequado para que esta possa ser recuperada. Entretanto, não é isso que ocorre em grande parte das instituições que possuem acervos fotográficos.

O que se observa é a iniciativa isolada de cada instituição no desenvolvimento artesanal e empírico de descritores e listagens de assuntos, ou a tentativa de adaptar instrumentos de acesso múltiplo internacionais ou produzidos a partir de outras tipologias iconográficas (CARVALHO et al., 1994, p. 260).

O surgimento da imagem fotográfica modificou não apenas a maneira de registrar um determinado momento e a construção de uma memória, mas também o modo de observar e interpretar o mundo. A fotografia, como já foi dito anteriormente, é polissêmica, o que permite ao indivíduo interpretá-la de diversas formas. Partindo desse pressuposto, pode-se observar que muitas fotografias podem e são utilizadas em diferentes momentos da história com uma conotação diferente. Ao mesmo tempo que isso pode parecer benéfico, em muitos casos acaba gerando transtornos à sociedade, intencionalmente ou não, tendo em vista que nem sempre há uma

contextualização atrelada ao uso da fotografia.

As instituições responsáveis pelos acervos fotográficos e os profissionais que nela trabalham têm por missão conservar parte da história e da memória de um povo. O tratamento do documento fotográfico, portanto, deve garantir além da recuperação por parte do usuário, a continuidade de uma história.

2.2 TRATAMENTO TÉCNICO DO DOCUMENTO FOTOGRÁFICO

Ao analisar uma fotografia, o bibliotecário e o usuário se deparam com inúmeras informações que nem sempre estão traduzidas em palavras ou termos que a representem. Um dos motivos disso ocorrer se deve a polissemia da fotografia, ou seja, aos múltiplos sentidos e significados que ela pode possuir.

De acordo com Smit (1987, p. 103), “analisar uma imagem significa "traduzir" certos elementos desta imagem de um código icônico para um código verbal”. Esse tipo de análise leva a inúmeras discussões e interpretações, pois as imagens possuem tanto um sentido denotativo quanto conotativo. Sobre a interpretação de imagens, Smit (1987, p. 104) afirma que “a associação entre a imagem e o real está de tal forma incorporada na leitura da imagem, que a percepção da imagem se torna difícil e demanda um certo treinamento.”

Um aspecto que muitas vezes acaba sendo esquecido ou não recebe a devida importância durante a análise documentária de imagens é a presença das informações técnicas. Os detalhes técnicos podem não ser tão relevantes em um livro, mas na fotografia possuem uma importância muito grande, pois nos trazem informações referentes à sua produção e nos permite fazer uma distinção entre os diferentes tipos de documentos fotográficos através da cor, tamanho, enquadramento, entre outros. Portanto, torna-se imprescindível que estes dados sejam levados em consideração durante a indexação.

Para Smit (1996), a representação da imagem se dá por seu conteúdo informacional e também por sua expressão fotográfica, necessitando, portanto, de um tratamento diferenciado. A essa expressão fotográfica, Manini (2002) denomina de dimensão expressiva e considera aspectos como: efeitos especiais, ótica, tempo de exposição, luminosidade, enquadramento, posição da câmera, composição e profundidade de campo.

Ainda sobre o tratamento de fotografias, deve-se considerar também as características do usuário. De acordo com os seus conhecimentos e o meio em que está inserido, o usuário interpreta a fotografia de uma determinada forma. Ou seja, a apropriação que o usuário tem da imagem é individual.

2.3 INDEXAÇÃO DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS

A indexação de imagens fotográficas deve levar em consideração, acima de tudo, a missão da instituição, a informação que esta quer transmitir e quem são os seus usuários, sempre com vistas a dar possibilidade de acesso ao material de modo fidedigno.

De acordo com Lopes (2006, p. 201), a indexação de fotografias com descritores

acrescenta um valor informativo e documental na imagem registrada por seus efeitos narrativos e linguísticos, sendo este processo de fundamental importância numa base de dados ou num banco de imagens constituído por fotografias.

Abaixo seguem algumas das metodologias que serão utilizadas para as análises do processo de indexação de fotografias dos museus.

2.3.1 Metodologia de Panofsky

Panofsky divide a análise de imagens em três níveis: pré-iconográfico, iconográfico e iconológico.

O nível pré-iconográfico diz respeito a identificação de objetos, eventos e formas que são reconhecíveis pelo olhar do observador com base em sua experiência prática. Em alguns casos, pode ocorrer da experiência não ser vasta o suficiente para determinar aquilo que está sendo representado na imagem, demandando uma consulta em um livro ou um perito. Panofsky (1979, p. 55) ainda frisa que “nossa experiência prática é indispensável e suficiente, como material para a descrição pré-iconográfica, mas não garante sua exatidão”.

O nível iconográfico refere-se a identificação do assunto secundário da imagem, ou seja, o significado transmitido por esta. A compreensão desse nível está diretamente relacionada ao modo como foi feita a análise pré-iconográfica e pressupõe não apenas a familiaridade com objetos, mas também a familiaridade com temas específicos ou conceitos (PANOFSKY, 1979).

O nível iconológico ocorre a partir dos níveis pré-iconográfico e iconográfico e pressupõe o conhecimento do observador acerca do contexto em que a imagem foi concebida.

(...) o nível Iconológico é o lugar dos valores simbólicos, pois remete a significados intrínsecos ou a conteúdos somente detectáveis e/ou observáveis cultural, social, filosófica ou ideologicamente. Ao contrário do nível pré-iconográfico, é onde o autor da imagem mais se afasta do leitor, pois o que desperta neste último é incalculável e inesperado; não é impossível, contudo, que haja perfeita sintonia entre a criatividade do emissor e a imaginação do receptor (MANINI, 2002, p. 54).

Essa metodologia baseada em conceitos de Panofsky permite ao indexador extrair termos

que descrevam os elementos que compõem a imagem no nível pré-iconográfico e a identificação do referente que possibilitará ao usuário a recuperação em uma busca mais genérica.

Já a análise pautada nos níveis iconográfico e iconológico pressupõem um conhecimento e um cuidado maior por parte do indexador, pois a interpretação deste deve levar em consideração o perfil dos usuários e as características da imagem que se tem em mãos e de sua contextualização.

2.3.2 Metodologia de Smit

De acordo com Shatford (1986, *apud* SMIT, 1996), a imagem é, simultaneamente, específica e genérica. Portanto, a imagem deveria ser representada de acordo com o seu nível pré-iconográfico, que estaria relacionado ao nível genérico, e o nível iconográfico, que se relacionaria com o nível específico.

A partir da distinção de Panofsky, Shatford introduz uma diferenciação que traz as seguintes perguntas: A IMAGEM É DE QUE? e A IMAGEM É SOBRE O QUE?. Ao passo que a primeira pergunta corresponde ao significado factual da imagem e resulta em um DE genérico e um DE específico, a segunda está diretamente relacionada ao significado expressivo.

Smit (1996) resume a proposta de Shatford relacionando-a com a de Panofsky conforme o quadro 1:

Quadro 1 - Resumo da proposta de Shatford comparada a de Panofsky

PANOFSKY	Exemplo	SHATFORD	Exemplo
Nível pré-iconográfico, significado factual	Homem levanta o chapéu	DE genérico	Ponte
Nível iconográfico, significado factual	Sr. Andrade levanta o chapéu	DE específico	Ponte das Bandeiras
Níveis pré-iconográfico + iconográfico (Nível iconológico), significado expressivo	Ato de cortesia, demonstra sinal de educação etc.	SOBRE	Transporte urbano, São Paulo, Rio Tietê, arquitetura, urbanização etc.

Fonte: SMIT, 1996, p. 32.

Sobre o que descrever na imagem, Smit (1996, p. 32) afirma que “as categorias QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUE, utilizadas por muitos estudiosos como parâmetros para grande variedade de análises de textos, inclusive a documentária, é também preconizada para a Análise Documentária da imagem”.

No quadro 2 Smit explica cada uma das categorias:

Quadro 2 – Categorias para análise documentária de imagens

CATEGORIAS	REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
QUEM	Identificação do “objeto focado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
ONDE	Localização da imagem no “espaço”: espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex. São Paulo ou interior de danceteria)
QUANDO	Localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou momento da imagem (p. ex. 1996, noite, verão)
COMO/O QUE	Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto focado”, quando este é um ser vivo (p. ex. Cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII)

Fonte: SMIT, 1996, p. 32.

Para a representação da imagem, Shatford faz uso das mesmas categorias, porém introduz uma distinção entre DE genérico, DE específico e SOBRE. Smit (1996, p. 33) ainda destaca que:

[...] a determinação do SOBRE nem sempre pode ser assegurada a partir das informações veiculadas pelo DE genérico e/ou DE específico de uma ou mais categorias do quadro acima, mas é composta a partir da combinatória de muitos elementos distintos.

Para exemplificar o cruzamento das categorias com o DE e as subcategorias resultantes, Smit resumiu as informações que aparecem no quadro 3:

Quadro 3 – Resumo da proposta de Shatford para a análise documentária de imagens

Categoria	Definição geral	DE genérico	DE específico	SOBRE
QUEM	Animado e inanimado, objetos e seres concretos	Esta imagem é de quem? De que objetos? De que seres?	De quem especificamente, se trata?	Os seres ou objetos funcionam como símbolos de outros seres ou objetos? Representam a manifestação de uma abstração?
	Exemplo	Ponte	Ponte das Bandeiras	Urbanização
	Exemplo			Arquitetura dos anos 40
ONDE	Onde está a imagem no espaço?	Tipo de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos	Nomes de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos	O lugar simboliza um lugar diferente ou mítico? O lugar simboliza a manifestação de um pensamento abstrato?
	Exemplo	Selva	Amazonas	Paraíso (supõe um

				contexto que permita essa interpretação)
	Exemplo	Perfil de cidade	Paris	Monte Olimpo (como o exemplo anterior)
QUANDO	Tempo linear ou cíclico, datas e períodos específicos, tempos recorrentes	Tempo cíclico	Tempo linear	Raramente utilizado, representa o tempo e a manifestação de uma ideia abstrata ou símbolo?
	Exemplo	Primavera	1996	Esperança, fertilidade, juventude
O QUE	O que os objetos e seres estão fazendo? Ações, eventos, emoções	Ações, eventos	Eventos individualmente nomeados	Que ideias abstratas (ou emoções) estas ações podem simbolizar?
	Exemplo	Morte	Pietá	Dor (emoção)
	Exemplo	Jogo de futebol (ação)	Copa do Mundo 1995	Esporte

Fonte: SMIT, 1996, p. 32.

Complementando as propostas de Panofsky e Shatford, Smit (1996, p. 35) propõe “o detalhamento de uma grade de leitura relacionada à "expressão fotográfica", envolvendo a seleção de dados da geração do documento fotográfico pertinente para a representação da imagem”. A questão do suporte como forma de atribuir significado à imagem fotográfica abordada por Smit traz um novo olhar acerca das técnicas utilizadas, sendo uma precursora da categoria Dimensão Expressiva incluída por Manini (2002) na grade de Análise Documentária de Imagens Fotográficas.

2.3.3 Metodologia de Manini

Seguindo a linha de raciocínio de Johana Smit, a pesquisadora Miriam Manini (2002) introduz a Dimensão Expressiva na grade de Análise Documentária de Imagens Fotográficas sendo norteadas pela seguinte pergunta de Smit (1997, p. 2): “por que a bibliografia da área da informação preconiza o tratamento da fotografia exclusivamente pelo que esta mostra, ou seja, pelo seu conteúdo informacional (...) desprezando sua Dimensão Expressiva?”.

De acordo com Manini (2002, p. 90) “a Dimensão Expressiva de uma fotografia é algo ligado à forma da imagem – que se encontra em justaposição ao seu conteúdo informacional”. Conforme a autora (2002, p. 91):

A importância de se considerar a Dimensão Expressiva na Análise Documentária de Imagens está no fato de que o ponto decisivo de escolha de uma fotografia (a partir de um conjunto de imagens recuperadas num sistema de recuperação de

informações visuais) pode estar justamente na forma como a mensagem imagética foi construída para transmitir determinado conteúdo informacional.

Portanto, a interpretação da imagem fotográfica envolve não apenas o conteúdo, mas também a expressão e a forma. Ter o conhecimento dos aspectos técnicos da imagem fotográfica faz-se necessário para aquele que for realizar a indexação. Além de contribuir aumentando o conjunto de descritores e, conseqüentemente, o escopo de busca, a inclusão de dados relacionados à dimensão expressiva torna a representação da imagem mais completa.

Abaixo seguem os quadros 4 e 5 com a grade de análise documentária de imagens fotográficas proposta por Manini (2002) e as variáveis da dimensão expressiva respectivamente:

Quadro 4 – Grade de Análise Documentária de imagens fotográficas

	Conteúdo informacional		Dimensão Expressiva
	DE	SOBRE	
Categoria	Genérico	Específico	
Quem/O que			
Onde			
Quando			
Como			

Fonte: MANINI, 2002, p. 105.

Quadro 5 – Variáveis da dimensão expressiva

RECURSOS TÉCNICOS	VARIÁVEIS
Efeitos especiais	Fotomontagem; estroboscopia; alto-contraste; trucagens; esfumação; etc
Ótica	Utilização de objetivas (fish-eye, lente normal, grande-angular, teleobjetiva, etc.); utilização de filtros (infravermelho, ultravioleta, etc.)
Tempo de Exposição	Instantâneo; pose; longa exposição; etc
Luminosidade	Luz diurna; luz noturna; contraluz; luz artificial; etc
Enquadramento	Enquadramento do objeto fotografado (vista parcial, vista geral, etc.); enquadramento de seres vivos (plano geral, médio, americano, close, detalhe); etc
Posição da câmera	Câmara alta; câmara baixa; vista aérea; vista submarina; vista subterrânea; microfotografia eletrônica; distância focal (fotógrafo/objeto); etc
Composição	Retrato; paisagem; natureza morta; etc
Profundidade de Campo	Com profundidade: todos os campos fotográficos nítidos

	(diafragma mais fechado); sem profundidade: o campo do fundo sem nitidez (diafragma mais aberto)
--	--

Fonte: MANINI, 2002, p. 91.

Ao elaborar essa tabela com as variáveis da dimensão expressiva, Manini (2002) não procurou ser exaustiva ou completa, estando aberta às consequências e resultados das transformações tecnológicas e ciente de que outros estudiosos da fotografia terão sugestões para alterá-la e/ou complementá-la. O objetivo principal compreendeu a forma como essa tabela será utilizada na alimentação da grade de Análise Documentária de Imagens Fotográficas.

2.3.4 Metodologia de Rodrigues

Rodrigues (2007), observando que grande parte das propostas apresentadas falam de se trabalhar com o aspecto visível da fotografia ou em outros casos com o sentido concreto, propôs a tematização das imagens fotográficas, procurando também levar em consideração o sentido conotativo abstrato da imagem.

De acordo com Rodrigues (2007, p. 67), “para ser utilizada, a imagem fotográfica deve ser organizada, o que implica análise e tematização de seu conteúdo, indexação, armazenamento e recuperação”. A tematização consiste na contextualização dos sentidos conotativos presentes nas imagens de forma a garantir o acesso e a recuperação desses documentos.

Ao ler uma imagem, é necessário observar que além do aspecto objetivo, do domínio da técnica e do equipamento, existe um componente subjetivo que depende da vivência, da percepção e da sensibilidade do autor. Quando as pessoas se empenham em entender e dar sentido ao mundo, elas o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. Portanto, não se busca mais na imagem fotográfica a coisa propriamente dita, mas a sua representação conceitual. Os valores culturais agregados ao sentido de ritmo e da relação entre formas e significados é o que vai reforçar a expressão do conteúdo de uma fotografia (LIMA; SILVA, 2007, p. 6).

Para a análise e tematização da imagem fotográfica, Rodrigues (2007, p. 75) propões os seguintes elementos:

1. descrição física (formato e tamanho da imagem fotográfica, tipo de suporte, autor, transformações ocorridas a partir do original etc.);
2. composição (objetiva e filtros utilizados, abertura e tempo de exposição, tipo de luz, nível de nitidez dos assuntos, ponto de vista do fotógrafo, profundidade de campo e hierarquia das figuras, enquadramento etc.);
3. contexto arquivístico da foto (relação da mesma com determinado fato ou documento);
4. conteúdo da foto ou assunto – *sentido denotativo* da foto (descrição do que a foto contém);
5. *sentidos conotativos* da foto (descrição dos *sentidos conotativos concretos e abstratos* que a foto pode conter).
6. tematização (enquadrar os *sentidos conotativos* nos temas que lhes forem adequados).

No quadro 6, a proposta de Rodrigues é comparada com a de Panofsky e Shatford:

Quadro 6 - Resumo da proposta de Rodrigues comparada a de Panofsky e Shatford

PANOFSKY	Exemplo	SHATFORD	Exemplo	RODRIGUES	Exemplo
Nível pré-iconográfico, significado factual	Homem levanta o chapéu	DE genérico	Ponte	Sentido denotativo	Criança, choro, praia etc.
Nível iconográfico, significado factual	Sr. Andrade levanta o chapéu	DE específico	Ponte das Bandeiras		
Níveis pré-iconográfico + iconográfico (Nível iconológico), significado expressivo	Ato de cortesia, demonstra sinal de educação etc.	SOBRE	Transporte urbano, São Paulo, Rio Tietê, arquitetura, urbanização etc.	Sentido conotativo	Tristeza
				Tematização	Crianças abandonadas, fome

Fonte: SMIT, 1996, p. 32, adaptado

Ao analisar a fotografia pela sua temática, a metodologia que melhor aborda essa questão é a de Rodrigues, pois nos mostra e nos dá exemplos de casos em que apenas a descrição do conteúdo visível na imagem não é suficiente para a busca do usuário, bem como a descrição dos sentidos conotativos de uma maneira isolada. A tematização engloba os significados explícitos e implícitos da imagem de maneira que estes não sejam dissociados na busca e recuperação do documento.

2.4 POLÍTICA DE INDEXAÇÃO

A política de indexação tem como objetivo estabelecer critérios e regras para facilitar e padronizar o trabalho do indexador na tomada de decisões de forma a viabilizar a otimização de seu serviço e assegurar a recuperação de qualquer documento ou informação demandada pelo usuário.

Ao se estabelecer uma política de indexação, a instituição deve levar em consideração algumas variáveis que são imprescindíveis ao planejamento de todo e qualquer sistema de recuperação de informações: identificação da instituição, identificação do usuário ao qual o sistema se destina e os recursos humanos, materiais e financeiros (CARNEIRO, 1985).

A identificação da instituição implica compreender os seus objetivos, tipologia e os serviços prestados. Ter conhecimento acerca dessas características da instituição permite identificar com mais

precisão quais são os assuntos e documentos de maior relevância e as necessidades informacionais vigentes.

O tipo de organização também é responsável por determinar o tipo de indexação a ser adotada, assim como os níveis de especificidade. Carneiro (1985) cita como exemplo uma organização industrial, cujo nível de especificidade demandado é maior do que uma biblioteca pública, que atende a um público em que o interesse é mais genérico.

A identificação do usuário é outro fator fundamental na elaboração de uma política de indexação, pois o sistema de informação só passa a ter sentido a partir do momento em que este é capaz de atender as necessidades de seus usuários. Através do estudo de usuários é possível obter informações referentes ao tipo de vocabulário a ser adotado, às exigências dos usuários quanto à cobertura de assuntos e a forma de apresentação dos resultados, o nível de exaustividade exigida na indexação e o tipo de resposta exigido pelo sistema. Portanto o estudo de usuários é uma ferramenta essencial e indispensável que, regularmente, deve ser realizada para que os objetivos da instituição sejam atingidos.

Para Carneiro (1985, p. 229-239) os elementos a serem considerados ao elaborar uma política de indexação incluem:

- Cobertura de assuntos;
- Seleção e aquisição dos documentos-fonte;
- O processo de indexação: consiste na definição dos níveis de exaustividade e especificidade requeridos pelo sistema, da linguagem de indexação (pré-coordenada ou pós-coordenada) e da capacidade de revocação e precisão do sistema;
- Estratégia de busca;
- Tempo de resposta do sistema;
- Forma de saída;
- Avaliação do sistema: etapa responsável por determinar se as necessidades informacionais dos usuários estão sendo satisfeitas e por indicar possíveis falhas e a forma como estas poderão ser corrigidas.

Os elementos descritos acima estão intimamente relacionados. Segundo Carneiro (1985, p. 239) “qualquer decisão referente a um elemento afetará, de alguma forma, os demais e, conseqüentemente, o desempenho do sistema como um todo”. A autora ainda destaca a importância de uma avaliação constante do Sistema de Recuperação de Informação (SRI) para determinar se as decisões tomadas em relação a cada elemento precisam sofrer alguma modificação.

Ao analisar a indexação de fotografias do Museu da Cidade de São Paulo e do Museu da Imagem e do Som (MIS-SP), é possível notar algumas deficiências decorrentes da ausência de uma política de indexação. Através da análise dos dados apresentados são obtidos alguns elementos que poderiam vir a corroborar na elaboração de uma política de indexação para os acervos de fotografias dos museus.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a elaboração deste trabalho, foram realizados dois tipos de pesquisa: a bibliográfica e a descritiva. A pesquisa bibliográfica foi utilizada para o levantamento de informações acerca do que já foi publicado sobre o tema (indexação de fotografias) e colocar em diálogo os diferentes conceitos e contribuições teóricas para a posterior verificação das formas de indexação dos museus e apontamentos de melhorias. A pesquisa descritiva serviu para descrever e analisar o processo de indexação de fotografias dos museus.

Em princípio, foi realizada uma revisão de literatura referente às temáticas da fotografia e do tratamento do documento fotográfico e do processo de indexação, com um enfoque maior no processo de indexação de imagens. Foram selecionados autores como Frederick Wilfrid Lancaster e Johanna Smit, além de teses e dissertações relacionadas ao tema. A revisão de literatura também incluiu um levantamento bibliográfico nas seguintes bases de dados: Brapci, Scielo, LISA e Scopus.

Em relação aos procedimentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, estes estão distribuídos em quatro fases:

1ª fase: levantamento bibliográfico;

2ª fase: observação no acervo online dos museus, mais especificamente na indexação dos documentos fotográficos;

3ª fase: análise qualitativa das formas de indexação de fotografias dos museus. Para esta análise, foi feita uma seleção que abrangerá uma pequena amostra da coleção fotográfica de cada acervo, sendo que a pesquisa não terá a pretensão de esgotar as lacunas temáticas da representação realizada. Após a seleção, foram analisados os termos em relação ao resultado obtido na busca. A análise levou em consideração se os termos representam de fato as fotografias e a relevância destes no processo de busca;

4ª fase: apresentação de argumentos lógicos de caráter conclusivo pautados na análise realizada na 3ª fase. Com base nessa análise, serão propostas algumas melhorias que poderão contribuir na metodologia de análise e indexação das fotografias do acervo destes museus.

Para uma melhor compreensão das indexações realizadas pelos museus, foram enviadas algumas perguntas via e-mail para as pessoas responsáveis pelos acervos nas instituições:

1- Quem realiza a indexação de fotografias?

2- Há alguma política de indexação do museu?

3- Há a utilização de vocabulário controlado para a elaboração da indexação?

No Museu da Cidade de São Paulo quem respondeu às perguntas foi o coordenador técnico do acervo de fotografia João de Pontes Junior:

Não temos um sistema de indexação pensado e planejado para as fotografias do Museu da Cidade. Isto porque utilizamos a mesma metodologia realizada por Benedito Junqueira Duarte, o fotógrafo que organizou todo o acervo em 1935. Os vários profissionais que já passaram pelo Museu da Cidade tentaram realizar, mas fica inviável, uma vez que são muitas imagens.

De qualquer maneira eu estou tentando também, quando entrei no Museu em 2009 realizei um VC para uso nos acervos do Museu, mas ele precisa ser revisto e corrigido, para que possamos implantar no novo banco de dados que está sendo desenvolvido.

A busca hoje em nosso banco de dados é realizada por termos ou por logradouros, sendo esse último o mais importante, uma vez que é o título de cada imagem nossa.

No MIS a pessoa encarregada por dar as respostas foi Patricia Lira, do Centro de Memória e

Informação:

Atualmente a indexação é realizada pela Documentalista Jr. E pela Assistente de Documentação. Mas, dada a dimensão do acervo, no passado esse processo já foi realizado por pessoas que ocupavam outras funções ou por prestadores de serviço temporários.

Não há uma política de indexação, ms procura-se seguir as orientações e protocolos estabelecidos pela literatura especializada, tanto as publicações de caráter técnico, quanto os estudos teóricos.

A base de dados trabalha com listas de termos controlados, esses, porém, não estão hierarquizados.

4 MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO

A concepção do museu remete à criação do Departamento Municipal de Cultura em 1935 por Mario de Andrade, que veio a se consolidar como Divisão de Iconografia e Museus ligada ao Departamento do Patrimônio Histórico. Em 2018, vinculou-se ao Departamento dos Museus Municipais da Secretaria Municipal da Cultura, configurando-se como um “museu da cidade”.

Figura 1 – Museu da Cidade de São Paulo



Fonte: Museu da Cidade de São Paulo.

Atualmente sua estrutura física é formada por uma rede de 17 imóveis históricos que encontram-se distribuídos nos bairros da capital paulista. Esses locais contemplam diversos aspectos da cultura e das construções paulistanas realizadas entre os séculos XVII e XX.

A missão do Museu da Cidade de São Paulo compreende: “gerar, sistematizar e socializar o (re)conhecimento sobre a cidade de São Paulo, fomentando a reflexão e a conscientização de seus habitantes e visitantes, visando a transformação e o desenvolvimento da sociedade” (MCSP, 2020)¹.

O Museu possui sete tipologias de acervos, os quais “devem servir de base para estudos, produção de conhecimento e difusão sobre a cidade de São Paulo, seus habitantes e as interações destes com o território” (MCSP, 2020): arquitetônico; bens móveis históricos; fotográfico; história oral; documental e bibliográfico.

¹ Estas informações foram retiradas do site disponível em: <https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/sobre-mcsp/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

O acervo fotográfico, em que se encontra o objeto de análise do trabalho, é responsável por registrar a transformação urbana de São Paulo desde 1860 e as obras públicas executadas pela prefeitura no século passado, além de revelar aspectos sócio-antropológicos e culturais da cidade (MCSP, 2020). As coleções que constituem o acervo incluem:

- a) Coleção Original / Fábio Prado;
- b) Coleção Departamento de Cultura;
- c) Coleção Divisão de Iconografia e Museus – DIM;
- d) Coleção Museu da Cidade de São Paulo;
- e) Coleção Casa da Imagem.

4.1 INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIAS NO MCSP

Segundo João de Pontes Junior, bibliotecário e atual coordenador técnico do acervo de fotografia, o museu não possui um sistema de indexação pensado e planejado para as fotografias. A metodologia utilizada é a mesma realizada por Benedito Junqueira Duarte, fotógrafo responsável por organizar todo o acervo no ano de 1935.

Devido ao grande número de fotografias, tornou-se inviável aos vários profissionais que passaram pelo museu construir um vocabulário controlado. Todavia, João de Pontes Junior realizou em 2009 um vocabulário controlado para o uso nos acervos do museu, que precisa ser revisto e corrigido para que possa ser implantado no banco de dados que está em processo de desenvolvimento.

Atualmente, a busca no banco de dados ocorre por termos ou logradouros, sendo esse último o mais importante, uma vez que é também o título da imagem. No caso de uma foto tirada na Avenida Paulista, o logradouro irá compor o título.

O Museu da Cidade de São Paulo apresenta os seguintes campos para organizar o seu banco de imagens:

- tombo: código de registro da fotografia no acervo
- fotógrafo: autor responsável pela fotografia
- data: ano em que a fotografia foi tirada
- descrição: descreve de forma objetiva o que está sendo representado na fotografia.
- modalidade: corresponde ao tipo de material. Ex.: fotografia.

Figura 2 – Av. Paulista



Av. Paulista

(28 visualizações)

Tombo: DIM/0015425/NA

Fotógrafo: ALVES, Márcia Inês (Marcinha)

Data: 1991

Descrição: Flagrantes. Vistas parciais da Avenida Paulista nos dois sentidos com "desenhos" da luz sobre as pessoas e automóveis. Funcionário da Companhia de Engenharia e Tráfego observando trânsito na Av. Paulista> Tomadas feitas da cobertura do Ed. Conde Andréa Matarazzo.

Modalidade: Foto

Fonte: Museu da Cidade de São Paulo

Embora haja vários elementos presentes na imagem como os automóveis, os prédios, as pessoas e as árvores, estes apenas a compõem. O referente dessa imagem ou o objeto enfocado é a Avenida Paulista.

A partir da identificação dos elementos num primeiro momento da análise, do nível pré-iconográfico segundo Panofsky (1979), poderia se extrair o termo “trânsito” ao relacionar estes elementos.

A data 1991 corresponde ao QUANDO ESPECÍFICO.

A dimensão expressiva é contemplada pelas informações “vistas parciais” e “tomadas feitas da cobertura do Ed. Conde Andréa Matarazzo”.

O título da imagem logradouro dificulta a pesquisa, pois pode trazer muitos resultados que não são do interesse do usuário. No caso da busca por “Avenida Paulista”, aparecem mais de 200 resultados, sendo que nem todos retratam de fato a avenida, mas recebem o título do logradouro pelo fato da fotografia ter sido tirada no local.

Figura 3 – Estação da Luz**Estação da Luz***(105 visualizações)*

Tombo: DC/0000604/E

Fotógrafo: HOENEN, Pedro

Data: 1880 - 1900

Descrição: Antiga Estação da Luz, entre 1880 e 1900.

Modalidade: Foto

Fonte: Museu da Cidade de São Paulo

Estação da luz, ao mesmo tempo que é o título da imagem, também é o referente da mesma e se encaixa na categoria O QUE ESPECÍFICO.

O período 1880-1900 diz respeito ao QUANDO ESPECÍFICO, pois especifica o período em que a fotografia foi registrada.

Caberia a essa fotografia a descrição de alguns elementos de sua dimensão expressiva como o enquadramento (vista parcial), a posição da câmera e a luminosidade (luz diurna).

Outra informação que deveria ser mencionada é a cromia. Informar que a fotografia está em preto e branco permitiria que o usuário reduzisse o seu tempo de busca, pois não retornariam fotos coloridas do mesmo local.²

Figura 4 – Estação Corinthians/Itaquera**Estação Corinthians/Itaquera***(49 visualizações)*

Tombo: DIM/0014564/NA

Fotógrafo: MARQUES, Israel dos Santos (Santos)

Data: 1987

Descrição: Vista do pátio da Estação Corinthians/Itaquera do Metrô.

Modalidade: Foto

Fonte: Museu da Cidade de São Paulo

² A informação cromia deveria ser introduzida em todas as fotografias que tenham tal característica.

Essa fotografia pode ser recuperada tanto pelo fotógrafo, quanto pelo descritor geográfico. Entretanto, o campo descrição poderia conter mais informações. Ao descrever como vista do pátio da Estação Corinthians/Itaquera do Metrô, poderia especificar se a vista é frontal ou lateral, por exemplo, e fazer a distinção através de um dos elementos da dimensão expressiva.

A data 1987 se encaixa na categoria QUANDO ESPECÍFICO, pois indica o ano (tempo linear) em que a fotografia foi realizada.

Outra informação que poderia ser incluída são os elementos visíveis presentes na imagem como a árvore, a ponte, a casa e o poste.

O título também não é condizente com a imagem representada. Como apresentada na própria descrição, a fotografia mostra a vista do pátio da Estação Corinthians/Itaquera do Metrô e não a estação em si. A estação, portanto, corresponderia a categoria ONDE ESPECÍFICO e o pátio seria o referente da imagem e se encaixaria na categoria QUE ESPECÍFICO.

Figura 5 – Av. Paulista



Fonte: Museu da Cidade de São Paulo

Ao observar essa fotografia, fica evidente que o referente da imagem é a mulher sentada e não a Avenida Paulista. Portanto, o título ao invés de ajudar, acaba dificultando a busca do usuário. Esse é um dos casos em que a fotografia recebe o título do logradouro apenas pelo fato desta ter sido realizada no local.

Em relação ao referente, mulher sentada poderia ser um descritor a ser designado à categoria COMO. Parque Trianon corresponde ao local em que o referente se encontra, portanto se encaixa na categoria ONDE ESPECÍFICO.

Na descrição diz que há “pessoas sentadas em frente ao Parque Trianon”. Entretanto, é possível ver apenas uma pessoa sentada na fotografia, sendo necessária uma correção para colocar a frase no singular.

Outra informação contida na descrição (retratos) diz respeito a composição, uma das variáveis da dimensão expressiva.

5 MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

O Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS-SP) é uma instituição pertencente à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo e constitui-se como um dos principais e mais movimentados centros da cidade de São Paulo.

Figura 6 – Museu da Imagem e do Som de São Paulo



Fonte: MIS-SP

Além das exposições, o MIS-SP oferece uma grande variedade de programas culturais, com eventos em todas as áreas e para todos os públicos que incluem cinema, dança, música, vídeo, fotografia, entre outros (MIS, 2020)³.

Criado em 1970, o Museu da Imagem e do Som tem como principal objetivo “registrar e preservar o passado e o presente das manifestações ligadas às áreas de música, cinema, fotografia, artes gráficas, e tudo que diz respeito à vida contemporânea brasileira” (MIS, 2020). Atualmente, acervo do MIS possui: mais de 200 mil imagens distribuídas em coleções temáticas de conteúdo diversificado; mais de 1.600 fitas de vídeo, nos gêneros ficção, documentários experimental e musical; e 12.750 títulos distribuídos em Super 8 e 16mm.

5.1 INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIAS NO MIS

De acordo com as informações fornecidas por Patricia Lira, do Centro de Memória e

³ Estas informações foram retiradas do site disponível em: <https://www.mis-sp.org.br/sobre>. Acesso em: 20 jun. 2020.

Informação do Museu da Imagem e do Som, o processo de indexação é realizado atualmente pela Documentalista Jr e pela Assistente de Documentação. Entretanto, devido a dimensão do acervo, a indexação já chegou a ser realizada por pessoas que ocupavam outras funções ou por prestadores de serviços temporários.

A instituição não possui nenhuma política de indexação, mas procura-se seguir as orientações e protocolos estabelecidos pela literatura especializada, tanto as publicações de caráter técnico, quanto os estudos teóricos.

A base de dados trabalha com listas de termos controlados, os quais não se encontram hierarquizados.

Figura 7 – Cordão Flor da Mocidade – Pic-Nic em Jundiá (1927)



Título:

[Cordão Flor da Mocidade – Pic-Nic em Jundiá (1929). À Direita D^a Maria Antonia Gonçalves, Mãe de Zezinho, à Esquerda, em Pé, Sr. João Dias. O Sr. Zezinho Aparece no Chão, aos Pés de D^a Maria Antônia] at.

Número do Item:

00038CPA000324FTa

Número de Registro:

31.1

Uso e acesso:

Consulta local com agendamento

Coleção:

00038CPA – Carnaval Paulistano: Clubes e Desfiles

Local de Produção:

São Paulo – São Paulo – Brasil

Data de Produção:

1929

Técnica / Formato:

Cópia em gelatina e prata

Suporte:

Papel

Cromia:

PB

Dimensões do suporte (alt. x larg.):

18 cm x 24 cm

Gênero:

Documentação

Descritores:

grupo de pessoas; retrato; instrumento musical; janela

Descritores Geográficos:

São Paulo – São Paulo – Brasil

Descritores Onomásticos:

Zezinho da Casa Verde

Fonte: MIS-SP

Os termos descritores “grupo de pessoas”, “instrumento musical” e “janela” indicam aquilo

que está presente na fotografia e se encaixam na categoria quem / o que.

O termo “retrato” constitui uma variável da dimensão expressiva proposta por Manini e refere-se à composição da imagem. De acordo com Lopes (2006, p. 207), a dimensão expressiva “contribui para a identificação de dados técnicos sobre a imagem, os quais complementam e ampliam o conjunto de descritores que serão utilizados para representar a fotografia”.

O descritor geográfico “São Paulo – São Paulo – Brasil” pertence a categoria onde, que representa, segundo Smit (1996), “a localização da imagem no espaço”. Em outras fotografias é possível observar que não há a presença desse tipo de descritor, pois há campos que também servem como meios de recuperação e que estão destinados a inserção de informações geográficas referentes à localização da imagem.

O descritor onomástico “Zezinho da Casa verde” diz respeito a pessoa a qual a fotografia se refere.

Não aparece nenhum termo relacionado à categoria como, que descreve “[...] 'atitudes' ou 'detalhes' relacionados ao objeto enfocado, quando este é um ser vivo” (Smit, 1996, p. 32). Entretanto, no campo título, é possível observar uma breve descrição sobre como o Zezinho, objeto enfocado na fotografia ou referente, encontra-se presente nesta.

Figura 8 – Fachada do MIS



Título:
[Fachada do MIS] at.

Número do Item: 00109MIS000802FTA **Número de Registro:** 40. (0546)

Uso e acesso:
Consulta local com agendamento

Coleção:
00109MIS - Museu da Imagem e do Som

Autoridades: Fausto Chermont **Classificação:**

Local de Produção:
São Paulo - São Paulo - Brasil

Técnica / Formato: Cópia em gelatina e prata **Suporte:** Papel

Dimensões do suporte (alt. x larg.):
18 cm x 24,10 cm

Gênero:
Documentação

Descritores:
planta (vegetal); fachada; museu; folha

Descritores Geográficos:
sem informação; sem informação

Fonte: MIS-SP

Os termos descritores planta (vegetal), fachada, museu e folha correspondem àquilo que é possível observar na fotografia. Tanto planta como folha são termos polissêmicos e representam o “quem/o que genérico”, pois não especifica qual é o tipo de planta ou folha presente na imagem. Para distinguir o significado de planta foi utilizado o termo desambiguador “vegetal”. Entretanto o mesmo não ocorreu com o termo “folha”, que na fotografia está sendo empregado no contexto da botânica. Dessa forma, o usuário, ao realizar uma busca por “folha”, vai se deparar com diversos resultados que não estarão condizentes com a sua pesquisa. Portanto, para evitar que isso aconteça, seria pertinente também criar um termo desambiguador para “folha” como por exemplo, “folha (vegetal)”.

Os termos museu e fachada também correspondem à categoria quem / o que. Fachada indica

a parte do MIS que está sendo retratada na fotografia. Para uma informação mais detalhada, poderia especificar se é frontal ou lateral.

O campo descritor geográfico aparece sem informação. Pelo campo “Local de produção”, é possível identificar que a fotografia foi tirada na cidade de São Paulo. Essa informação poderia ser incluída em descritores geográficos, como ocorre em outras fotografias indexadas pela instituição.

Contemplando a dimensão expressiva, aparecem informações referentes à técnica / formato e suporte.

Figura 9 - Palacete da Avenida Paulista



Título:
[Palacete da Avenida Paulista] at.

Número do Item: 00006PAP000206FTc **Número de Registro:** 15.044

Uso e acesso:
Consulta local com agendamento

Coleção:
00006PAP - Palacete da Avenida Paulista

Local de Produção:
São Paulo - São Paulo - Brasil

Data de Produção:
1973

Técnica / Formato: Cromo **Suporte:** Acetato

Cromia:
Cor

Dimensões do suporte (alt. x larg.):
35 cm x 0 cm

Descrição:
Vista parcial do interior do palacete mostrando parte de ornamentação do teto.

Gênero:
Documentação

Descritores:
palacete; rosácea; pintura

Descritores Geográficos:
São Paulo - São Paulo - Brasil; Avenida Paulista - São Paulo - São Paulo - Brasil; Brasil - América do Sul

Fonte: MIS-SP

Para esta fotografia foram atribuídos os descritores palacete, rosácea e pintura e mais três descritores geográficos – São Paulo – São Paulo – Brasil; Avenida Paulista – São Paulo – São Paulo

– Brasil; Brasil – América do Sul.

O termo palacete poderia se enquadrar tanto na categoria quem/o que como na categoria onde. Entretanto, sendo a ornamentação do teto o referente da imagem, esse termo passa a pertencer à categoria onde, pois relaciona-se ao local em que o referente se encontra. Por não especificar qual palacete está sendo retratado na fotografia, o termo se enquadra na categoria onde genérico.

Através do título é possível descobrir que o palacete em que a ornamentação se encontra está localizado na Avenida Paulista. Dentre os descritores geográficos, “São Paulo – São Paulo – Brasil” poderia ser eliminado, pois “Avenida Paulista – São Paulo – São Paulo – São Paulo – Brasil” traz uma informação mais específica e que já engloba o conteúdo do outro descritor.

O termo rosácea refere-se à categoria quem/o que e diz respeito ao referente da imagem. Sendo rosácea o referente da imagem, pode-se concluir que o título não está condizente, pois rosácea corresponde a apenas uma parte da ornamentação e não denota o palacete em seu sentido mais amplo.

Para aumentar o escopo de busca do usuário, poderia ser incluído os termos ornamentação e teto.

Figura 10 – Programa: Pintura de Antonio Palm



Título:

[Programa: Pintura de Antonio Palm, na Foto: Inspirado na TV Duetto Lirico] at.

Número do Item:

00125TBR006092FTa

Número de Registro:

69.0515

Uso e acesso:

Consulta local com agendamento

Coleção:

00125TBR - Televisão Brasileira

Técnica / Formato:

Cópia em gelatina e prata

Suporte:

Papel

Cromia:

PB

Dimensões do suporte (alt. x larg.):

18 cm x 24 cm

Gênero:

Documentação

Descritores:

pintura; graffiti; homem; mulher

Descritores Onomásticos:

Antonio Palm

Fonte: MIS-SP

O descritor onomástico “Antonio Palm” traz uma informação pouco definida, pois nesse caso poderia se referir tanto ao autor da fotografia ou da pintura quanto ao homem representado na pintura. Através do título percebe-se que Antonio Palm é o autor da obra. Porém a informação de autoria da foto continua vaga. Em outras fotografias essa informação aparece no campo “autoridades”, o que permite ao usuário procurar pelo autor da fotografia.

Os descritores homem e mulher pertencem a categoria quem/ o que genérico, pois não identificam quem são eles.

Homem e mulher indicam os elementos representados na pintura. O termo graffiti diz respeito à técnica de pintura utilizada pelo artista.

A inclusão de descritores das categorias como e quando também colaboraria para ampliar o escopo de busca e para descrever de uma maneira mais específica o que está sendo representado na fotografia. Algumas sugestões de descritores que poderiam ser incluídos são: dueto, música, pessoas cantando e um descritor relativo ao período em que a fotografia foi tirada.

Figura 11 – Copa do Mundo de 70: último lance da Copa – Carlos Alberto



Título: [Copa do Mundo de 70: último Lance da Copa - Carlos Alberto - México] at.	
Número do Item: 00060MEF000184Ta	Número de Registro: FD.00005/Ep002
Uso e acesso: consulta local com agendamento	
Coleção: 00060MEF - Memória do Futebol	
Técnica / Formato: cópia em gelatina e prata	Suporte: Papel
Cronia: PB	
Dimensões do suporte (alt. x larg.): 18 cm x 24 cm	
Gêneros: Documentação	
Descritores: jogador de futebol; uniforme; troféu; câmera fotográfica	
Descritores Onomásticos: Carlos Alberto	

Fonte: MIS-SP

Nessa fotografia percebe-se a presença de um grupo identificado, ou seja, um grupo de pessoas que se identifica com um nome próprio. Nesse caso, a seleção brasileira de futebol está sendo identificada através do jogador Carlos Alberto que aparece erguendo o troféu.

Outro aspecto que pode ser notado é que a imagem não foi analisada em todos os seus aspectos. Os descritores “jogador de futebol”, “uniforme”, “troféu” e “câmera fotográfica” representam aquilo que aparece na fotografia e estão relacionados ao aspecto denotativo. Todavia a imagem tem um tema, um argumento, um significado, representa algo e trata de algo. E não foi atribuído nenhum descritor relacionado ao conteúdo conotativo representando aquilo que a imagem sugere. Caso o usuário utilize os termos “campeão” ou “título” na busca essa fotografia não será

recuperada.

Os descritores “jogador de futebol” e “uniforme” pertencem à categoria quem/o que genérico, pois não identificam o nome do jogador e nem o tipo de uniforme. Em relação ao nome do jogador, este aparece no título e em descritores onomásticos. Entretanto a informação referente ao autor da fotografia encontra-se ausente.

O termo troféu, dependendo do nível de conhecimento do usuário, também poderia ser pesquisado por Taça Joules.

As outras informações contidas no título poderiam corresponder às categorias COMO (Copa do Mundo de 70), ONDE GENÉRICO (México) e QUANDO (1970).

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Categoria QUEM/O QUE

A categoria QUEM/O QUE diz respeito à “identificação do objeto enfocado: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.” (SMIT, 1996, p. 32). Todavia, deve-se atentar ao fato de que o referente pode ser especificamente ou genericamente identificado.

Nas fotografias analisadas, é possível observar que as informações que contemplam essa categoria encontram-se, sobretudo, nos campos título e descritores no caso do MIS e nos campos título e descrição no Museu da Cidade de São Paulo.

Ao olhar de Manini (2002, p. 69), “a função do referente na fotografia é dar assunto, motivo e razão de ser à imagem”. Posto isto, a análise subsequente depende essencialmente da identificação do referente num primeiro momento da análise.

O grupo de descritores atribuídos às fotografias do MIS corresponde, na maioria dos casos, à categoria QUEM/O QUE GENÉRICO, pois identifica os elementos presentes mas não os especifica. No campo descritor onomástico há informações relacionadas a categoria O QUE ESPECÍFICO, como ocorre nos exemplos das figuras 7 e 11. Isso demonstra o nível de conhecimento do indexador sobre o assunto indexado, mas também a falta de padronização de indexação, pois o campo também contém informações que remetem, por exemplo, ao autor responsável pela fotografia.

No Museu da Cidade de São Paulo, o referente da imagem corresponde, de modo geral, ao logradouro que intitula a fotografia. Entretanto, na figura 5, Avenida Paulista pode estar relacionado tanto a categoria QUEM/O QUE quanto a categoria ONDE, a depender do referente da imagem. Caso o objeto enfocado seja a própria avenida, “Avenida Paulista” pertencerá à categoria QUEM/O

QUE. Contudo, se o referente for a mulher, “Avenida Paulista” corresponderá a categoria informacional ONDE. A diferenciação dessas categorias dependerá, principalmente, da busca realizada pelo usuário e do foco que este atribuirá em sua pesquisa.

Outro aspecto a ser analisado refere-se à exaustividade das indexações realizadas pelos museus. No MIS há uma indexação exaustiva que possibilita uma maior recuperabilidade por parte dos usuários ao passo que no Museu da Cidade de São Paulo haveria a possibilidade de inclusão de um número maior de descritores da categoria O QUE GENÉRICO que aumentaria o escopo de busca e facilitaria a recuperação dos documentos fotográficos.

CATEGORIA ONDE

A categoria ONDE representa a “localização da imagem no “espaço”: espaço geográfico ou o espaço na imagem” (SMIT, 1996, p. 32).

Nas indexações do MIS, os descritores estão relacionados, essencialmente, à localização geográfica, havendo inclusive um campo de descritores destinados a essa categoria. Porém não são todas as informações geográficas que estão inseridas nesse campo e nem todas as fotografias que possuem esse tipo de descritor. Na figura 11 a informação referente à localização geográfica encontra-se incluída no título da fotografia. Como consequência disso, o título atribuído ficou demasiadamente longo, o que pode vir a ser um empecilho na busca do usuário e a falta de padronização decorrente da ausência de uma política de indexação tornou-se ainda mais evidente.

Ainda sobre a figura 11, consta apenas a informação correspondente a categoria ONDE GENÉRICO. Como forma de complementar e especificar essa informação, poderia ser atribuído alguns descritores da categoria ONDE ESPECÍFICO com o nome da cidade e o nome do estádio, o que demandaria um conhecimento prévio do indexador sobre o assunto ou uma pesquisa histórica.

A figura 9, “Palacete da Avenida Paulista”, fornece um exemplo em que o espaço no qual a imagem está localizada refere-se ao espaço na imagem. Considerando a ornamentação como o objeto enfocado, este encontra-se localizado no interior do palacete, mais especificamente em seu teto. Neste caso, a categoria ONDE estaria relacionada tanto ao espaço geográfico (Avenida Paulista) quanto ao espaço na imagem (interior do palacete, teto).

CATEGORIA QUANDO

A categoria QUANDO refere-se à “localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou momento da imagem” (SMIT, 1996, p. 32). Em relação ao DE genérico e DE específico da

categoria QUANDO, o QUANDO GENÉRICO está relacionado ao tempo cíclico como as estações do ano e o período do dia e o QUANDO ESPECÍFICO está relacionado a um tempo linear como, por exemplo, década de 1980, 1996 (SMIT, 1996).

As fotografias de ambos os museus apresentam apenas informações correspondentes a categoria QUANDO ESPECÍFICO, indicando o ano ou o período em que a foto foi tirada. No Museu da Cidade de São Paulo essa informação consta no campo data e no MIS no campo data de produção. O campo data de produção não aparece em todas as fotografias analisadas do MIS, o que elimina uma das formas de busca do usuário e, conseqüentemente, aumenta a chance do documento fotográfico não ser recuperado.

Nenhum dos museus apresenta informações relativas à categoria QUANDO GENÉRICO. Porém, dependendo do nível de especificidade requerido, informações sobre o período do dia em que foto foi tirada ou a estação do ano que, na maioria das vezes, passam despercebidas pelo olhar do indexador, poderiam facilitar a recuperação do documento e evitar possíveis transtornos ao usuário.

CATEGORIA COMO

A categoria informacional COMO pressupõe que o objeto enfocado da imagem seja um ser vivo, podendo ser animais ou seres humanos. Sendo o referente da imagem um ser vivo, a categoria COMO descreverá “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto enfocado” (SMIT, 1996).

Quando cruzada com as categorias informacionais DE GENÉRICO E DE ESPECÍFICO, obtém-se as categorias COMO GENÉRICO e COMO ESPECÍFICO. A categoria COMO GENÉRICO está relacionada a ações e eventos enquanto que a categoria COMO ESPECÍFICO descreve os eventos individualmente nomeados.

Após analisar as fotografias, percebeu-se que existiram poucas informações relacionadas a categoria COMO nas indexações realizadas pelo MIS. Na figura 7 o título indica que o referente “aparece no chão”. Entretanto, essa é uma informação que ficaria melhor se constasse no campo de descrição da imagem ou então um termo equivalente no campo de descritores como: “pessoa sentada” ou “homem sentado”.

A figura 11 também apresenta um objeto enfocado que é um ser humano. Portanto, poderia ser atribuído um descritor relacionado à categoria COMO para essa fotografia. O descritor sugerido é “erguendo troféu”.

Em relação às indexações do Museu da Cidade de São Paulo, a ausência de descritores da categoria informacional COMO se explica pelo fato de que todas as fotografias, com exceção da

figura 6, possuem o logradouro como referente.

CATEGORIA SOBRE

A categoria informacional SOBRE está relacionada ao nível iconológico da imagem e intrinsecamente atrelada ao olhar do observador e ao seu nível de conhecimento sociocultural.

Segundo Smit (1996, p. 32):

A resposta à pergunta A IMAGEM É SOBRE O QUE é, obviamente, muito mais subjetiva e culturalmente determinada do que as determinações do DE genérico e DE específico, de acordo com o perfil do usuário, a determinação do SOBRE deve ser avaliada com muita cautela, podendo veicular informação necessária ou totalmente inútil (mesmo assim, a determinação do SOBRE diminui o espectro de polissemia da imagem).

A diminuição do espectro de polissemia da imagem abordada por Smit remete a opção do indexador por uma das diversas interpretações que se pode fazer acerca desta para a escolha dos termos descritores. Ao fazer isso, o indexador, automaticamente, omite outras perspectivas e reduz também as possibilidades de interpretação dos usuários em seu processo de busca.

Todavia, conforme Manini (2002) já havia abordado, a criação do emissor e a imaginação do receptor dificilmente encontram-se em sintonia. Portanto o indexador, estando entre o criador (fotógrafo) e o receptor (usuário), deve avaliar com muita prudência a determinação do SOBRE, pois isso poderá colaborar na aproximação do usuário ao seu objeto final, mas também distanciá-lo caso aumente as discrepâncias entre os extremos.

As indexações realizadas pelos museus não apresentam nenhuma informação referente a essa categoria. Contudo, não pode pressupor a falta de conhecimento do indexador, visto que a ausência de uma política de indexação dificulta o seu trabalho e impede que o processo ocorra de uma forma mais ordenada. O que se pode concluir é que a presença de termos da categoria SOBRE enriqueceria as informações sobre os documentos fotográficos, permitiria ao usuário realizar a busca pelo significado intrínseco da imagem, bem como relacionar a outras fotografias que tratassem do mesmo tema.

A tematização proposta por Rodrigues (2007) poderia vir a contribuir na escolha do termo que fosse contemplar a categoria SOBRE, pois contextualizaria os sentidos conotativos da imagem fotográfica e enquadrá-lo-iam em um determinado tema que se mostrasse adequado e condizente.

DIMENSÃO EXPRESSIVA

A dimensão expressiva está ligada aos aspectos técnicos envolvidos na produção da imagem. No MIS, excetuando a figura 7 que possui o descritor “retrato”, as demais contêm apenas informações técnicas que estão relacionadas as fotografias após o registro, portanto não se enquadrando na categoria dimensão expressiva. No Museu da Cidade de São Paulo, além do termo “retrato” que aparece na figura 5, há também a presença do termo “vistas parciais” na figura 2.

A presença de apenas três termos mostra que não houve preocupação com esta característica da imagem. Por conseguinte, um usuário mais experiente, cuja expertise o levará a realizar uma pesquisa com um nível de especificidade maior, terá dificuldades de retornar resultados utilizando-se de termos técnicos cabíveis à fotografia.

Um usuário cujo repertório técnico não fosse tão vasto também poderia se beneficiar do acréscimo de termos da categoria DIMENSÃO EXPRESSIVA. Caso houvesse uma foto de um mesmo local, mas tirada em períodos diferentes do dia, seria possível distingui-las através de uma das variáveis do recurso técnico luminosidade (ex. luz diurna, luz noturna).

A partir da realização de um estudo de usuários, será possível definir quais variáveis da DIMENSÃO EXPRESSIVA serão adotadas na indexação de fotografias dos museus.

7 PROPOSTAS DE MELHORIAS

Em princípio, é recomendável que ambos os museus estabeleçam uma política de indexação para definir as diretrizes que orientarão os profissionais responsáveis pela atividade. Outro aspecto refere-se a escolha do(s) responsável(is) por realizar as indexações. Tanto no MIS quanto no Museu da Cidade de São Paulo a indexação de fotografias foi realizada por diversos profissionais, inclusive alguns que trabalhavam em outras áreas e que, possivelmente, não teriam o conhecimento requerido para tal função. Caso as instituições possuíssem uma política de indexação, haveria uma padronização maior e uma incidência de erros menor, o que qualificaria o trabalho e o serviço prestado ao usuário.

No MIS, é possível observar que alguns títulos são demasiadamente longos, o que torna a busca por esse campo inviável por parte dos usuários. Como sugestão propõe-se que seja atribuído um título mais sucinto às fotografias e que as demais informações contidas sejam distribuídas em outros campos.

As informações geográficas das fotografias, que em alguns casos aparecem no próprio título ou então na descrição de conteúdo, poderiam ser colocadas apenas em descritores geográficos.

Ao invés de descritores onomásticos, poderia haver apenas o campo de autoria e na descrição da fotografia seriam colocados os nomes das personalidades representadas.

A presença da data, presente apenas no Museu da Cidade de São Paulo, é uma informação de extrema importância na recuperação de uma fotografia, principalmente por se tratar de um acervo fotográfico histórico. Para o caso do MIS, seria interessante acrescentar esse campo que se enquadraria na categoria QUANDO, pois possibilitaria ao usuário fazer a busca por um determinado período e permitiria relacionar a fotografia em questão a outras que foram registradas nessa mesma época.

As informações referentes à dimensão expressiva nem sempre aparecem nos campos adotados pelos museus, podendo, em alguns casos, estar presentes no próprio título ou na descrição da imagem fotográfica. O Museu da Cidade de São Paulo, por adotar o logradouro como título das fotografias, possui diversas fotografias sob o mesmo título. Ao realizar uma pesquisa com o termo Avenida Paulista, por exemplo, o usuário se depara com um número muito grande de resultados, o que dificulta a seleção daquilo que lhe interessa de fato. Além disso, deve-se considerar que muitas das fotografias recuperadas possuem a mesma autoria. Ou seja, mesmo que o usuário realize uma busca avançada utilizando os campos título e autoria, ainda se depararia com um número considerável de resultados. A dimensão expressiva representada por essas fotografias poderia fazer essa diferenciação, seja pelo enquadramento da fotografia, o período do dia em que foi tirada, a técnica utilizada, entre outras informações.

Para ampliar o escopo de busca e tornar a recuperação mais precisa, poderia estabelecer quais elementos da dimensão expressiva seriam adotados para a análise do indexador considerando a sua utilidade para os usuários dos museus e criar uma lista de termos e suas respectivas definições. Cabe salientar que determinados termos técnicos podem nem sempre ser compreendidos por aqueles que não são especialistas da área.

A tematização, abordada por Rodrigues (2007), é outro aspecto que poderia ser levado em consideração na análise realizada pelas pessoas responsáveis por realizar a indexação de fotografias dos museus. Atualmente, o Museu da Cidade de São Paulo e o MIS utilizam apenas descritores temáticos descritivos, o que restringe o repertório de busca do usuário e oculta a principal característica da imagem fotográfica que é a polissemia.

8 CONCLUSÃO

A imagem fotográfica, por si só, representa uma fonte informacional de muita valia para os indivíduos se conectarem ao mundo e à história que os cercam. Além de preservar a memória e trazer à tona uma compreensão ampla e diversificada acerca do passado, permite às pessoas o reconhecimento como parte integrante de um processo evolutivo constante. Todavia, para ser considerada um documento, a fotografia necessita receber um tratamento adequado para que possa ser difundida posteriormente. As instituições que possuem acervo fotográfico, por sua vez, representam um elo entre o fotógrafo e o usuário, sendo responsáveis pela contextualização, descrição e representação do documento.

Para uma melhor compreensão da análise documentária de imagens fotográficas, foram estudadas algumas metodologias que pudessem atender às necessidades das instituições, dentre as quais se destacam a de Panofsky, Shatford, Smit, Manini e Rodrigues. Ao analisar o modo como ocorre o tratamento documentário das fotografias do Museu da Cidade de São Paulo e do MIS, logo notou-se a falta de padronização na apresentação das informações ocasionada pela ausência de uma política de indexação.

Portanto, antes de adotar uma metodologia para a análise, é de fundamental importância que seja estabelecida uma política de indexação, pois esta norteará a tomada de decisões do indexador e evitará problemas de inconsistência e descontinuidade caso venha a ocorrer a troca de profissionais. Deve-se salientar, no entanto, que a política de indexação, assim como qualquer outra política de serviços, deve ser flexível e satisfazer as necessidades dos seus usuários.

Em relação às análises, estas foram realizadas de acordo com as categorias informacionais propostas pela literatura específica da área tendo como intuito verificar a pertinência dos termos atribuídos às imagens no processo de recuperação.

Dentre as categorias propostas, a mais contemplada foi a CATEGORIA QUEM/O QUE, pelo fato das imagens possuírem um objeto enfocado. As informações referentes às categorias ONDE e QUANDO não apareceram no grupo de descritores, mas figuram em outros campos específicos. No caso do Museu da Cidade de São Paulo a informação correspondente ao ONDE ESPECÍFICO é o próprio título da fotografia.

Sobre a baixa incidência de informações das categorias COMO, SOBRE e DIMENSÃO EXPRESSIVA, pode-se atribuir tanto a falta de conhecimento do indexador, como também a incerteza provocada pela falta de uma política de indexação. Mas, independentemente de qual seja o motivo, recomenda-se ao indexador um estudo aprofundado e atualização constante acerca dos métodos e temas em que atua.

Concluiu-se também que a metodologia de Manini contemplaria os diversos aspectos envolvidos nas análises de imagens fotográficas dos museus. Entretanto a escolha por essa metodologia só pode ocorrer a partir do momento em que as instituições tiverem uma política de indexação com os objetivos bem claros e definidos.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, M. V. Diretrizes para uma política de indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 14, n. 2, 1985. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/73170>>. Acesso em: 27 maio 2020.
- CARVALHO, V. C. de et al. **Fotografia e História: ensaio bibliográfico**. **An. mus. paul.**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 253-300, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47141994000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 ago. 2020.
- CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. xvi, 451 p.
- DEL VALLE GASTAMINZA, F. Indización y representación de documentos audiovisuales. In: _____ **Manual de documentación fotográfica**. Madrid: Editorial Síntesis, 1999. p.467-48.
- FELIPE, C. B. M.; PINHO, F. A. Análise dos aspectos sociocognitivos durante a indexação de fotografias. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)**, n. 5, p. 76-86, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/64409>>. Acesso em: 20 maio 2020.
- FILIPPI, P. de; LIMA, S.F. de; CARVALHO, V. C. de. **Como tratar coleções de fotografias**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2000.
- FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.1, n.1, p. 60-90, jul-dez. 2003.
- HIDALGO GOYANES, P. Análisis documental de audiovisuales. In: GARCIA GUTIERREZ, A. **Introducción a la documentación informativa y periodística**. Madrid: Editorial Mad, 2009. p. 233-349.
- LANCASTER, F.W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. Disponível em: <<https://bibliotextos.files.wordpress.com/2014/07/livro-indexac3a7c3a3o-e-resumos-teoria-e-pratica-lancaster.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- LIMA, C. A. de; SILVA, N. M. B. da. **Representações em imagens equivalentes**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-claudia-imagens-equivalentes.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2020.
- LOPES, I. L. Diretrizes para uma política de indexação de fotografias. In: MIRANDA, Antonio; SIMEÃO, Elmira. **Alfabetização digital e acesso ao conhecimento**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. p. 199-214. (Comunicação da Informação Digital, v. 4).
- MAIMONE, G. D. **Estudo do tratamento informacional de imagens artísticopictóricas: cenário paulista - análises e propostas**. 2007. 142 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/2/TDE-2008-02-15T144200Z-1390/Publico/GIOVANA%20DELIBERALI%20MAIMONE.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2020.
- MAIMONE, G. D.; GRACIOSO, L. de S. **Representação temática de imagens: perspectivas metodológicas**. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 12, n. 1, jan./jul. 2007. Disponível em:

<https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/05/pdf_49fd22d309_0010519.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

MANINI, M. P. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. DOI: 10.11606/T.27.2002.tde-23032007-111516. Disponível em: <<http://jfofni.jor.br/fofni/files/An%C3%A1lise%20document%C3%A1ria%20de%20fotografias%20-%20Miriam%20Manini.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

MOREIRO GONZALEZ, J. A. **O conteúdo da imagem**. Curitiba: Ed.UFPR, 2003.

MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO. **Sobre o MCSP**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/sobre-mcsp/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. **Sobre**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.mis-sp.org.br/sobre>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

NOGUEIRA, V. P.; MARTINS, G. K. O tratamento indexal de fotografias para composição da memória institucional. **Informação@Profissões**, v. 8, n. 2, p. 193-216, 2019. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/125724>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

PANOFISKY, E. **Significado nas artes visuais**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PINTO MOLINA, M.; GARCÍA MARCO, F. Y.; AGUSTÍN LACRUZ, M. C. **Indización y resumen de documentos digitales y multimedia**: técnicas y procedimientos. Gijón: Trea, 2002. 350p. (Biblioteconomía y Administración Cultural, 62).

RODRIGUES, R. C. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, Dez. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ci/v36n3/v36n3a08.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2020.

SILVA, G. R. da; DIAS, C. da C. Indexação de fotografias por meio do modelo de leitura baseado no método complexo e nas funções primárias da imagem. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 9, n. 2, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/137078>>. Acesso em: 20 maio 2020.

SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, v. 2, n. 2, 1996. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/40989>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SMIT, J. W. (org.). **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: Ibict, 1987. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1011/1/An%C3%A1lise%20document%C3%A1ria.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

VALE, E. A. do. Linguagens de indexação. In: SMIT, Johanna W. (Coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: NCT – CNPQ, 1987. Cap. 1, p.12 – 26.

ZANON, W. R.; SABBAG, D. M. A. **O instante decisivo de henri cartier bresson e a indexação**: um estudo exploratório de métodos de indexação de fotografias. **Revista Digital de**

Biblioteconomia & Ciência da Informação, v. 15, n. 3, p. 693-714, 2017. DOI:
10.20396/rdbci.v15i3.8648748. Disponível em <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/39888>>.
Acesso em: 22 maio 2020.